Bracuí, 5 de novembro de 2019.

Reunião feita na Aldeia (Tekoá) Sapukai para ouvir os problemas que a comunidade está sofrendo.

Presentes:

Conselho Estadual de Educação: Lucas, Lino, Claudio Benites.

Professor: Daniel Benites (Também aluno do Magistério Indígena)

Alunos do Magistério Indígena: Cláudio Silva, Francisco da Silva, Isaías Aquiles, Leonardo Aquiles.

Alunas que esperam a implantação do Curso de Formação Geral: Lucilene Aquiles, Ivania Aquiles.

Agente de saúde: Lucia Borges da Silva.

Pais e mães, alunos e alunas que compõem a comunidade Guarani M’Byá.

A reunião iniciou com a comunidade falando sobre os problemas que a afligiam.

Lino: levantou os problemas junto à comunidade e lideranças com relação ao magistério indígena e os problemas que os afeta com relação aos problemas causados pela a direção da escola. Ele relata que o problema começou com a reclamação do transporte e da organização das salas. Ele afirmou que a diretora é preconceituosa com a comunidade e a discrimina. Explicou que o juruá não conhece a comunidade, e por conta de suas ações ela, a diretora é preconceituosa com as crianças. Já fizeram 3 reuniões que ele relatou estes problemas mas ela responde com ironia. Falou que é bom que o Cristino da FUNAI e eu representando o CEDIND estivéssemos presentes. Ela diz que faz o que a comunidade manda, mas não é isto que ela realmente faz. Não é ela que precisa e sim as crianças e a comunidade. Ela falou que iria começar o curso de formação geral e até agora não começou. Analisou que por falta da sala, estudam no CEAP, fora da aldeia, enfrentando a noite, chuva e preconceito. Estão fazendo esta reunião em busca de melhorias, e afirmou que quem colocou esta questão da direção foi ele, Lino, porque quando alguém fala mal das crianças, está falando contra a comunidade. Pediu que nós ajudemos a solucionar estes problemas.

Pedi que ele desse um exemplo: Ele colocou que reclamaram da falta de fruta e ela respondeu com uma pergunta se as crianças não comerem fruta, carne ou merenda vão morrer?

Claudio Benite: falou sobre o magistério que a diretora foi contra a implementação e que ela sempre tenta dificultar, falou das ironias que ela faz e que os alunos do Magistério sentem e que fizeram reclamações sobre o transporte e ela se recusa a conversar de forma profissional, e quando conversa pergunta se eles querem UBER? Transporte? Afirmando que não adianta pedir porque ninguém quer fazer serviço para o índio.

Tiveram formação continuada com a UFF e eles usavam transporte terceirizado para fazer a formação continuada e que ela não autoriza mais o transporte e este curso está parado por conta disso. Ela também está construindo uma política de fazer com que as comunidades briguem.

Não sabem por que o contrato de língua guarani não foi aprovado para o professor desta matéria, Toni Tupã, e ela disse que quem está impedindo é o professor Algemiro e disse também para alguns guarani de Itaxí que Paraty Mirim não tem professor por conta do Algemiro. Tem apenas um aluno fazendo Magistério em Paraty Mirim, porque a diretora afirmou que o curso do Magistério não está valendo nada e a comunidade acreditou. Eles tem problemas com esta gestão desde que ela entrou. Ele reclamos com o Estado em uma reunião porque não tinha freezer, não tinha carne reclamos em uma reunião do conselho. No dia seguinte ela chegou com compras e disse pra ele “aqui está o que você reclamou tanto, aqui está carrega!”

Célia: Mãe de aluno. Falou sobre os problemas da diretora que isto prejudica a família do Algemiro e a saúde dele. Que a diretora cria tantos problemas aqui e nas outras comunidades que ela falou para a diretora que não quer mais ela aqui e que ela cobra o ensino médio para seus filho e ela diz que o remédio e ela sair daqui

Marisa Gonçalves: Mãe de alunos. Relatou que Ela vai na escola pra acompanhar o rendimento dos seus filho e colocou que a diretora acha que as mães vão pra escola pra comer a merenda dos alunos, reclamou sobre o transporte e que o magistério não deveria acontecer na cidade. A Kombi é sem ar e não tem cinto de segurança e de vez em quando o carro quebra e a diretora não resolve e tudo acaba sendo transtorno para a continuidade do curso e que eles voltam à noite. É perigoso por conta de tráfico. A Secretaria tem que dizer por que não acontece na escola. Muitas vezes com chuva. Por conta de tudo isto não querem mais a diretora. Agradeceu a presença da FUNAI que nunca vem e não ajudam quando eles precisam.

Kerexu Franciane: Professora. Ela acha que ela não está muito boa da cabeça pois ela trata todo mundo com ironia. Joga palavras ofensivas, colocou que sofrem muito preconceito onde estudam o Magistério e que alunos batem na porta e eles sabem que não podem revidar. Ela alega que a diretora diz que tem que educar eles, mas a professora questiona a fala dela pois eles já nasceram educados. Já quase houve acidente e quando o Domingos reclama ela diz que a diretora diz que o Domingos não pode reclamar que ele não manda em nada. Reafirmou que a diretora sempre foi contra o Magistério e que o Módulo 2 tinha o conteúdo Nhanderekó e que era o Algemiro que deveria das as aulas mas que não sabe por que até hoje ele não foi contratado. Ela a diretora questionou que não deveria ter trabalhos em grupo porque eles não vão aprender nada. Algemiro continua estudando até hoje.

Ela coloca que o Magistério é importante porque é diferenciado e por isto precisa continuar pois ele tem os dois conhecimentos: Juruá e guarani. Houve uma reunião da comunidade e a diretora chegou e como não tinha nenhum aluno do magistério ela falou que foram os alunos que pediram que fosse na cidade. Faz muito tempo que não existia esta divisão nas comunidades e tudo está pesando contra o Algemiro. Pois ela fez falas contra o Algemiro nas aldeias. Ela falou em defesa do Algemiro e disse que ela foi aluna dele e que ela quer que a diretora saia.

Francisco da Silva aluno do magistério: Reafirmou tudo que já foi colocado e que eles querem que ela saia, que não é ela que tem que vir falar o que ela quer, que são eles que decidem, e que daqui pra frente ele acredita que se ela continuar vai piorar e que quando ela fala contra os guarani ela fala contra todos os povos indígenas pois só o que distingue cada povo é apenas o nome. Ela questiona a escola bilíngue, diz que se eles já falam guarani não precisa estudar guarani na escola e que não acita os ataques contra o Algemiro pois ele foi aluno dele e ele não merece. E que ela saia da nossa aldeia pois somos nós que mandamos aqui.

Ortelina Benites: Mãe de alunos. O filho dela completou o ensino fundamental faz 2 anos e até hoje pede o curso de formação geral e sem necessidade ele está sem estudar.

Gonçalino: Professor e aluno do Magistério. Relatou os problemas do transporte, muito calor dentro da Kombi, problemas mecânicos e eles pedem apoio à diretora que não resolve. Quer que esta situação melhore para os alunos. Dentro da aldeia não há espaço para implantar o ensino médio na aldeia e que eles pedem uma solução de não acontece. Por não ter espaço aqui eles aceitaram ESTUDAR EM Angra e falou sobre os tiroteios que acontecem e por isto eles exigem que haja um colégio aqui na aldeia.

Daniel Benites: Professor e aluno do magistério. Ela, a diretora fala que está preocupada com o magistério mas ela não tem diálogo com eles e que ela mostra que quer resolver os problemas do jeito dela. Ela abriu um edital para contratação de alunos para a escola com professores juruá e a comunidade foi pega de surpresa. Proibiu o intervalo dos alunos do magistério. A diretora não respeita a comunidade.

Cristino questionou

A situação é de 3 salas para: manhã 5 séries, tarde 4 turmas. Onde fica o Magistério e Formação Geral. A diretora impede de fazer trabalho de campo com os alunos.

Lucas Conselheiro CEEI: Fizeram 4 reuniões da comunidade e já decidiram a saída dela. Estamos aqui pra apoiar os direitos da comunidade. O Conselho Estadual de Direitos Indígenas não está funcionando. Houve um outro conselho NEI só 4 reuniões e acabou. Se o conselho não for pra garantir direitos à comunidade não justifica sua instauração. Questiona que a FUNAI não acompanha as necessidades da comunidade e que eles não aceitam o edital de contratação com professores do primeiro segmento sem falantes de guarani. Falou da ansiedade que a comunidade está sofrendo graças a diretora que acaba criando um adoecimento psicológico. A diretora diz para os professores que eles não são nada, eles são uns “bostinhas”. Não concorda com ela como profissional, que pessoalmente ele fala com ela. Reivindica que a FUNAI esteja mais aqui. Pelo menos uma vez na semana nas reuniões da comunidade. Não querem esta divisão entre as aldeias. Pedem um documento pedindo a saída dela. Ela é 19 anos diretora na cidade, mas ela precisa saber como é uma direção das escolas indígenas. Ela não se dá bem com a comunidade. Realmente chegou no limite. Tem 2 filhas que precisam estudar no ensino médio e que não tem como estudar fora. A postura da diretora criou muito atrito entre as lideranças. Fica muito triste com tudo que está acontecendo. Envolve comunidade: família, cacique, lideranças. Querem ficar unidos com todas as comunidades. Afirmou que Algemiro tem que continuar pois ele lutou muitos anos em defesa da do Magistério Diferenciado. Ele sabe que como esta situação adoece as pessoas. Quer estar presente na reunião com a secretaria de educação.

Cristino pediu desculpas pela ausência dele e sente a situação como a diretora. Falou que no passado ele conseguia estas nas aldeias todo dia, que aprendeu muito com seu João, que a quantidade de aldeias cresceu muito que hoje ele tem que dar conta de Ubatuba até Maricá e que ainda tem que dar conta de vez em quando dos índios urbanos em relação a relatórios no Maracanã. Hoje tem tudo pra não dar certo: Um governo que trabalha contra, a sociedade que muitos trabalham contra. Vai fazer um relatório e pedir a parceria do CEDIND para resolver estas questões e que vai pedir informes sobre as questões colocadas à SEEDUC.

Uma vez por semana às terças ele se comprometeu a vir aqui.

Domingos Cacique: Na 3ª reunião passaram tudo que aconteceu aqui. Ele não esperava que acontecesse isto.Colocou nestes últimos tempos está havendo problema nunca imaginou que chegasse a este ponto. O juruá quando vem pra aldeia, não pode ter ações individuais e ele se pergunta se é ela sozinha ou se há mais alguém cutucando ela. Colocou que são duas discussões: a educação diferenciada e o Ensino Médio e perguntou se como será.

Que qualquer instituições, seja universidade ou outra instituição tem que caminhar em conjunto com a comunidade. Que desde os jesuítas sempre aconteceu esta divisão. O juruá sempre produziu o divisionismo. Os guarani não saõ bolinha de pingue pong que fica SEMPRE sendo jogado de um lado para o outro. O juruá pode até manipular ele mas só se ele não souber. Ele não quer este tipo de política aqui na aldeia. Falou que muita gente disse que ele estava apoiando a diretora mas ele não está apoiando ela. Não sabe se é só ela ou se tem mais gente fazendo esta manipulação. Pediu que nós ajudássemos na implantação do Ensino Médio. Relembrou quando o governo esteve aqui e até mediu tudo para construir a escola.

Sou a favor do Magistério Indígena.

Lucia Borges: Conselho local e agente de saúde. Tem 3 filho e um está sem estudar por causa de não haver o curso do Ensino Médio. Colocou que a diretora não sabe tratar a comunidade e que ela não está fazendo o que as mães acham que deve ser. As crianças tem o costume de andar descalços e quando as crianças vão assim, ela pergunta se as mães não compram calçado. Elas acham que a diretora não está trabalhando direito.

As mães fizeram um abaixo-assinado para implantação do E. Médio e até agora nada. Tem medo da violência e por isto não deixa ele estudar na cidade. Quer resposta pra isto. Cristino tem que ajudar mais as mulheres da comunidade, ele está aqui pra apoiar a comunidade. Tem que estar mais presente.

Araponga